

Abel Salazar – um neurocientista frustrado?



António Almeida Coimbra (na foto à esq.), professor catedrático jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, é o orador convidado da conferência de abertura do Congresso Nacional de Neurologia (23 de novembro, entre as 18h00 e as 19h00), intitulada «Abel Salazar: um neurocientista frustrado». O conferencista partilha com o *Correio SPN* parte do trabalho de investigação que tem vindo a desenvolver e que reflete o seu interesse pela carreira académica de uma das personalidades portuguesas mais marcantes do século XX.

«**A**ntes de iniciar o seu labor de microscopista, ao ser contratado, a 18 de outubro de 1916, para reger a cadeira de Histologia, em consequência da morte de Plácido da Costa, Abel Salazar publicou duas grandes monografias. Uma de pendor filosófico, em 1914, o *Ensaio de Psicologia Filosófica*, como dissertação inaugural da licenciatura. A outra de neuroanatomia macroscópica, *A Diferenciação Sistemática do Pallium Cerebral*, logo no ano seguinte, enquanto assistente transitório de Anatomia Patológica.

A primeira monografia, de 386 páginas, revela preocupações discursivas inesperadas do finalista de um curso em que o único professor de mentalidade filosófica era Júlio de Matos, que se ausentara para Lisboa em 1911, quando Salazar era ainda segundo-anista. Não se limitando, nessa monografia, a discutir a teoria do conhecimento, apoiando o sensualismo de John Locke contra o idealismo platónico, Salazar acrescenta-lhe aspetos biológicos, como o facto de as cores serem percebidas pelo córtex visual de acordo com o comprimento de onda da irradiação luminosa rececionada pela retina, ou os ruídos percebidos pelo córtex cerebral temporal como sons musicais, de acordo com a frequência em que fazem vibrar o tímpano.

O segundo trabalho, com 392 páginas, incide sobre a evolução pós-natal do desenho das circunvoluções cerebrais, que o autor observou em encefalos conservados em Anatomia, no tempo do Prof. Luís Viegas, no Hospital do Conde de Ferreira, no Porto, por Magalhães Lemos. Salazar notou que, até à idade adulta, as circunvoluções ou giros corticais diferenciam-se adquirindo cesuras e bifurcações. No estudo, vislumbram-se os conceitos evolutivos do futuro professor de embriologia que informarão as suas investigações sobre as transformações dos folículos ováricos.

Percurso no ensino académico e na investigação

Todavia, a súbita nomeação para a cátedra de Histologia e Embriologia chamou Abel Salazar a obrigações concretas, não só do ensino de uma importante disciplina básica, mas também da investigação inerente à mesma. Antes de se entregar

totalmente a esta dupla missão académica, Salazar não resistiu ao apelo da Biologia Filosófica na sua lição inaugural, intitulada «A orientação filosófica da Histologia moderna e os seus vícios». O eterno antagonismo entre os vitalistas e os mecanicistas que ele debateu exaustivamente. Inclinou-se pelos segundos, considerando que fenómenos vitais como a condutibilidade nervosa, a vibratibilidade epitelial ou a contratilidade muscular são fenómenos moleculares de natureza puramente material.

Salazar não se embrenhou em ataques ao espiritualismo ou à religião, nada tendo do espírito jacobino, que então campeava na Primeira República, e abandonou, durante anos, a especulação filosófica para se dedicar inteiramente à procura de dados microscópicos concretos. O fruto imediato foi a comunicação à Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, em janeiro de 1918, «*Sur la nitratisation des capillaires du glomérule renal*», publicada no *Bulletin* da mesma, em 1920. Com um método de coloração especial, Salazar conseguiu

distinguir nas ansas glomerulares dois revestimentos. Tratava-se claramente do folheto visceral do metânefro que, até então, se considerava exclusivo dos rins embrionários.

Durante este período de investigação febril, o novel catedrático inventou um método de coloração histológica. Em dezembro de 1920, comunicou à Sociedade o «*méthode de coloration tanno-férrique*». O processo revelou-se muito útil na evidência dos materiais proteicos intra e extra celulares, sobretudo em patologia. Abel Salazar passou a figurar nos manuais técnicos de coloração microscópica e o novo método veio a ser aplicado a inúmeros órgãos e tecidos. Tanta atividade provocou-lhe, em 1926, uma profunda depressão nervosa que o incapacitou por cinco anos. Abel Salazar retomou em 1931 o professorado, desta vez numa situação académica e política muito mais difícil, mas que, no entanto, lhe propiciou a descoberta do Para-Golgi e os trabalhos de Hematologia.»

Abel Salazar ao microscópio, no seu gabinete do Centro de Estudos Microscópicos da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, na década de 1940

